

PÁGINAS DE SUETÔNIO: A MORTE DE AUGUSTO OU O “MIMO DA VIDA”

(SUETONIUS INSTANTS: THE DEATH OF AUGUSTUS OR THE
“MIME OF LIFE”)

JOSÉ LUÍS BRANDÃO
UC - CECH

Resumo: No ano em que se celebra o bimilenário da morte de Augusto, este estudo propõe uma análise de cariz didático do texto de Suetônio (*Aug.* 99-100.1) sobre o trespasse do fundador do principado: um exemplo de boa morte, o justo prémio para um governante que, a despeito dos seus muitos defeitos relatados pelo biógrafo dos Césares, se consagrou como um mito e modelo de príncipe. Depois de uma contextualização do relato na estrutura da *Vida de Augusto*, é apresentada uma tradução portuguesa do texto, seguida de comentário, no qual se faz também o cotejo com informações provenientes de fontes paralelas.

Palavras-chave: Vida de Augusto; Suetônio; biografia; historiografia

Abstract: In the year in which the bimillennium of Augustus' death is celebrated, this study proposes a didactic analysis of Suetonius' text (*Aug.* 99-100.1) about the last moments of the founder of the principate: an example of a good death, the just tribute to a ruler who, despite his many faults reported by Caesars' biographer, was consecrated as a myth and exemplary prince. After a contextualiza-

tion of the report within the *Life of Augustus* structure, a Portuguese translation is presented, followed by a commentary, which will also make a comparison with information coming from parallel sources.

Keywords: Life of Augustus; Suetonius; Biography; Historiography

Depois de analisarmos em edições anteriores algumas mortes violentas na versão de Suetónio, apresentamos desta vez uma narrativa de morte bem-aventurada. Uma vez que celebramos, oficialmente no dia 19 de Agosto de 2014, o bimilenário da morte de Augusto, justifica-se que se apresente aqui o texto de Suetónio sobre o trespasse do fundador do principado.

1. O CONTEXTO

Os bons imperadores são premiados por Suetónio com mortes dignas. Não podemos dizer que a *Vida de Augusto* seja um encómio ou uma *laudatio*. No entanto, na estrutura desta biografia, a morte aparece numa fase em que os aspectos negativos foram há muito ocultos na mente do leitor para por uma série de rubricas onde se elencam longamente virtudes e bons feitos. Assim se cria um lugar-comum: o de um jovem ambicioso e cruel, que não olha a meios para atingir os fins, e que depois se transforma num governante magnânimo¹. Como o carácter, sobre o qual se debruça sobretudo a biografia, era visto como algo inato, aqueles defeitos tendem a ser menorizados como pecadilhos da juventude. É o processo inverso do usado para aqueles que o biógrafo considera maus governantes (como Tibério, Calígula, Nero, Domiciano), em quem o verdadeiro carácter (cruel e imoderado) é escondido no início dos principados por uma hábil capacidade de dissimulação. A organização sistemática de Suetónio, que privilegia a exposição por rubricas em

¹ Suetónio parece estar a seguir um *topos*, que se impôs talvez por influência de Séneca, que opunha a crueldade de Octávio à clemência de Augusto. Vide Gasco 1984: 201-205.

detrimento da narrativa cronológica, permite acentuar os contrastes (entre as fases das *Vidas* e entre os imperadores), além de uma organização em crescendo dos *exempla* e de frequente generalização.

A narrativa da morte de Augusto aparece, em Suetónio, imediatamente antecedida de uma série de capítulos sobre os presságios que determinaram os momentos fulcrais da vida do nascimento à morte (Aug. 94-97). Esta rubrica é habitual na biografia, mas a colocação imediatamente antes da morte tem o efeito de aumentar a aura mítica do imperador, perfeitamente consolidada passado um século da sua morte, na altura em que o biógrafo escreve. Graças a estes sinais, Augusto é apresentado como alguém que conhece antecipadamente os grandes acontecimentos, como o resultado das guerras (Aug. 96), mas também a sua própria morte (Aug. 97.1). O facto de se assumir que Augusto conhece a data da morte com cem dias de antecedência (Aug. 97.2) não pode deixar de conferir especial significado às acções e às palavras do imperador. Mas ao contrário do clima de tensão em que viveu Domiciano, com o aproximar da hora fatal², é em ambiente de serenidade que a morte de Augusto ocorre, como um culminar natural de uma vida longa e proveitosa, entre divertimento e intimidade (Aug. 98).

Os últimos dias são uma espécie de retiro: a preparação pessoal e familiar para o trespassse. Este é um desejo manifesto pelo próprio em tom considerado ominoso: *exclamauit, quod et ipsum mox inter omina relatum est, 'non, si omnia morarentur, amplius se posthac Romae futurum* (Aug. 97.3) «Exclamou, o que depois foi tomado entre os presságios, que “ainda que tudo o detivesse, não estaria mais em Roma”». Portanto, estas palavras de Augusto, que, embora circunstanciadas, se tornaram válidas para sempre, representam uma espécie de reacção contra um fardo que lhe era já pesado, acaso próprio de quem sente a consciência de ter cumprido a sua missão – um *topos* muito presente neste relato de morte. O desejo

2 Vide Pimentel, M. C. (1993), “A. D. xiv Kal. Oct., hora quinta...”, *Boletim de Estudos Clássicos*, 20 94-102; Brandão, J. L. (2013), “A morte anunciada de Domiciano”, *BEC* 58: 135-145.

de afastamento da vida política parece sincero e é frequentemente expresso por Augusto, como atesta Sêneca (*De brevitate vitae* 4.2-6)³.

Nestes últimos tempos de vida, o homem parece aproximar-se já do mito que depois se cria. No contexto da viagem para a Campânia (para acompanhar até Benevento Tibério, que estava de partida para a Ilíria), Suetónio insere um episódio que significa o reconhecimento do orbe ao poder de Augusto:

*Forte Puteolanum sinum praeteruehenti uectores nautaeque de nauī
Alexandrina, quae tantum quod appulerat, candidati coronatique et tura
libantes fausta omina et eximias laudes congesserant: 'per illum se uiuere,
per illum nauigare, libertate atque fortunīs per illum frui' (Aug. 98.2).*

«Quando atravessava, um dia, a baía de Putéolos, os passageiros e os tripulantes de um navio de Alexandria, que acabara justamente de aportar, vestidos de branco e coroados com grinaldas, não só lhe ofereceram incenso, como também o cumularam de bons augúrios e de extraordinários louvores: 'Por ele viviam, por ele navegavam; da liberdade e da felicidade por ele fruam.'»

Trata-se aparentemente de uma cerimónia litúrgica, pelo aparato (roupas, flores, incenso) e pelo ritmo da invocação: provavelmente, a expressão de um credo religioso e político que retoma um tema recorrente da propaganda augustana: a paz universal e a segurança dos mares⁴. Suetónio apresenta agora Augusto como fonte de vida, de segurança no mar, de liberdade e de prosperidade. O seu culto estende-se ao Oriente, onde a divinização era mais facilmente reconhecida. Augusto fica naturalmente comovido com estas manifestações e mostra-se generoso. O *princeps* colhe agora como frutos a afeição e aprovação generalizada

3 Vide Néraudau 1996: 259-262.

4 E que parece subentender a assimilação do príncipe a Júpiter, como causa última, como sugere Rocca-Serra 1974: 671-680.

do Império à sua obra e à estabilidade do governo⁵, apresentada em Aug. 28.2 como um voto, através da citação de um edicto:

'Ita mihi saluam ac sospitem rem p. sistere in sua sede liceat atque eius rei fructum percipere, quem peto, ut optimi status auctor dicar et moriens ut feram mecum spem, mansura in uestigio suo fundamenta rei p. quae iecero.' Fecitque ipse se compotem uoti nisis omni modo, ne quem noui status paeniteret.

«'Assim me seja permitido consolidar o Estado são e salvo nos seus fundamentos e daí recolher o fruto que almejo, de ser proclamado autor do melhor regime e de levar comigo, ao morrer, a esperança de que permanecerão no seu lugar os alicerces do estado que eu tiver lançado.' Ele mesmo se encarregou a si próprio do voto, esforçando-se de todos os modos para que ninguém ficasse insatisfeito com o novo regime»).

No ambiente campano, em que agora se encontra, se opera concretamente a síntese entre a cultura helénica e romana, simbolizada na narrativa por uma permuta simbólica de vestuário e de língua entre gregos e latinos, a convite do “monarca”, bem como pela assistência deste ao costume grego dos jogos dos efebos de Cápreas. Trata-se como que o retomar, no relato dos últimos dias, de vectores importantes da ideologia política e cultural de Augusto.

Antes da separação de Tibério, Augusto passa alguns dias de descon tracção naquela ilha que ele denominaria de Apragópolis⁶, ou seja “cidade do ócio”, onde improvisa versos em grego: inspirado nas tochas junto a um túmulo, diz que vê fogo sobre a campa do fundador. Embora se refira a um favorito defunto a quem, por graça, chamava fundador (*ktistes*) da tal “cidade do ócio”, a atmosfera de presságio que se gerou dos prodígios elencados (Aug. 97), a presença do astrólogo Trasilo (valido de Tibério), a

5 Como afirma Benario 1975: 84.

6 Vide Neraudau 1996: 282 e ed. de Bassols de Climent 1990. Mas talvez se trate antes de uma pequena ilha vizinha de Cápreas e visível a partir dela, como sugerem a trad. de Ailloud 1989 e o com. de Carter 1982, 204.

proximidade da morte e as várias associações de Augusto a Rômulo ao longo da *Vida* transformam o dito em profecia sobre a sua própria morte. Mas se o cenário é conectado com a noite e a morte, o ambiente é, por contraste, de riso e divertimento: Augusto interroga Trasilo sobre o autor dos versos acabados de improvisar, e desata à gargalhada quando este lhe responde com uma evasiva hábil e feliz: que são versos excelentes, quem quer que seja o autor. Assim se põe em evidência a argúcia do espírito e bonomia do velho imperador, mantidas até à hora da morte.

Depois, nota o biógrafo que passou a Nápoles, onde assistiu à competição gímnica instituída em sua honra (aquando da sua doença em 23 a.C.), e acompanhou Tibério até ao local combinado: Benevento. Dá-se aqui a separação e Tibério tem de continuar a viagem sozinho: o itinerário propriamente dito e o decurso da vida de governante.

Ao sentir-se pior, Augusto manda regressar Tibério, que ia em viagem. A longa conferência secreta que entabula com o herdeiro, a sua última actividade oficial, cria algum mistério na passagem do testemunho e gera alguns rumores sobre a intervenção de Lúvia na transmissão do poder, que Suetónio omite para não perturbar a perfeição desta morte. Tácito (*Ann.* 1.5.3-4) afirma que Tibério já tinha chegado à Ilíria e teria sido chamado por uma carta urgente de Lúvia; além disso, deixa a suspeita de que quando ele chegou a Nola, Augusto podia já ter morrido há vários dias, e que Lúvia mantivera a sua morte em segredo para assegurar a sucessão ao filho. De qualquer modo, a posição de Tibério como sucessor parecia nessa altura tão segura, que talvez não se justificassem tais cuidados⁷. Mas, por outro lado, podia existir sempre o perigo de alguma revolta. Havia Agripa Póstumo, o neto que Augusto mandara exilar a pretexto de que tinha um carácter intratável, e que foi eliminado de forma suspeita na mesma altura. Temos também de pensar que a situação era inusitada: Tibério era o primeiro sucessor nesta nova “monarquia” disfarçada. Não havia precedentes para a situação, incómoda, deste herdeiro.

7 Como afirma Carter 1986: 204. Pode até acontecer que Suetónio estivesse a corrigir deliberadamente a afirmação da Tácito, cuja obra tinha sido publicada escassos anos antes.

2. O TEXTO

Na narrativa do *supremus dies*, Suetônio transmite momentos de uma cena íntima centrada nas perguntas e grandes ditos de Augusto, na altura da “saída de cena” (Aug. 99-100.1):

Supremo die identidem exquirens, an iam de se tumultus foris esset, petito speculo capillum sibi comi ac malas labantes corrigi praecepit et admissos amicos percontatus, ‘ecquid iis uideretur mimum uitae commode transegisse’, adiecit et clausulam:

ἐπεὶ δὲ πάνυ καλῶς πέπαισται, δότε κρότον
καὶ πάντες ἡμᾶς μετὰ χαρᾶς προπέμψατε’.

Omnibus deinde dimissis, dum aduenientes ab urbe de Drusi filia aegra interrogat, repente in osculis Liuiæ et in hac uoce defecit: ‘Liuiæ, nostri coniugii memor uiue ac uale!’ Sortitus exitum facilem et qualem semper optauerat. Nam fere quotiens audisset cito ac nullo cruciatu defunctum quempiam, sibi et suis εὐθανασίαν similem – hoc enim et uerbo uti solebat – precabatur. Vnum omnino ante efflatam animam signum alienatae mentis ostendit, quod subito pauefactus a quadraginta se iuuenibus abripi questus est. id quoque magis praesagium quam mentis deminutio fuit, siquidem totidem milites praetoriani extulerunt eum in publicum. Obiit in cubiculo eodem, quo pater Octauius, duobus Sextis, Pompeio et Ap<p>uleio, cons. XIII. Kal. Septemb. hora diei nona, septuagesimo et sexto aetatis anno, diebus V et XXX minus.

67

3. TRADUÇÃO

«No derradeiro dia, enquanto perguntava sem cessar se havia agitação lá fora por causa dele, depois de pedir um espelho, mandou pentear os cabelos e compor as maçãs do rosto descaídas e perguntou aos amigos que recebera se por acaso lhes parecia que

tinha representado bem o mimo⁸ da vida; e acrescentou a fórmula de remate:

*“Já que foi muito bem representado, dêem-me o vosso aplauso
e tratem todos de me acompanhar com alegria”.*

Em seguida, depois de os despedir a todos, enquanto interroga os que chegam da cidade sobre a doença da filha de Druso, desfalece subitamente, entre os beijos de Lúvia, com estas palavras: “Lúvia, vive na lembrança da nossa união, e adeus!” Coube-lhe em sorte ter um fim fácil, como sempre desejara. De facto, quase sempre que ouvia dizer que alguém tinha morrido sem qualquer sofrimento, formulava logo os votos para si e para os seus de uma semelhante *euthanasia* – pois era este o termo que costumava usar. Foi somente um o sinal de confusão mental que mostrou antes de exalar o último suspiro, pois se lamentou aterrorizado de que era arrebatado por quarenta jovens. Além disso, o dito foi mais um presságio do que uma falha da mente, já que foi esse mesmo o número de soldados pretorianos que o carregaram para o espaço público. Morreu no mesmo quarto que o seu pai Octávio, no consulado de dois Sextos, Pompeio e Apuleio, no décimo quarto dia antes das calendas de Setembro, pela hora nona, com a idade de setenta e seis anos menos cinco dias».

4. COMENTÁRIO

A morte é, na biografia, o momento supremo da revelação do *ethos*. É uma situação limite em que o carácter se tende a revelar sem dissimulação. Será também a altura de avaliar os sentimentos dos súbditos: a reacção do povo tem importância para Augusto e para o biógrafo.

8 Optamos aqui, por nos parecer que faz mais unidade de sentido com o subsequente e pelo paralelo com Díon Cássio (56.30.4), pela lição *minum*, *p²*(*Beroaldus*), em vez de *mi[ni]mum* da ed. de ihm.

O cuidado com o cabelo e o rosto que Augusto manifesta no derradeiro momento, apesar de antes se ter dito que era negligente com a sua aparência,⁹ mostram a preocupação do *princeps* em manter a sua “personagem” até ao fim. Depois da opinião geral, vem a opinião dos amigos sobre a sua representação do mimo da vida. Suetónio não a transmite, mas o leitor sabe que, dadas as circunstâncias, não podia ser outra senão afirmativa.

Para a história fica aquela cláusula de comédia ou mimo com que Suetónio faz Augusto fechar a sua própria vida. Augusto, que gostava de comédia e era dotado de sentido de humor¹⁰, pede o aplauso, servindo-se de uma fórmula de fecho que transforma toda a sua existência numa representação teatral. O texto está muito corrupto nos manuscritos¹¹. O contexto sugere que se possa tratar do fecho de um mimo¹². Mas poderá ser uma improvisação do próprio imperador, que era capaz de compor versos em grego, como se viu nos momentos que passou em Cápreas (cf. *Aug.* 58.4)¹³. Se foi um dito real do imperador, pode nem ter sido pronunciado no momento derradeiro, mas apenas integrado nesse contexto pela tradição.

A comparação da vida a um mimo dá, pois, um sentido ao fim: o mimo é um género realista, a imitação da vida, e estava na moda¹⁴. O cerimonial parece arranjado: Augusto, que reservara para si o papel principal, parece sugerir que toda a sua vida foi uma representação (e que a

9 *Aug.* 79.1: ... et omnis lenocinii negligens; in capite comendo tam incuriosus, ut raptim compluribus simul tonsoribus operam daret.

10 Sobretudo a comédia antiga: cf. *Aug.* 89.1. Sobre o sentido de humor de Augusto, vide Southern 1998: 136.

11 A fórmula, segundo Monaco 1970: 255-273, é retirada da comédia *nea* (na antiga não existia) e imitada pelos autores latinos da *palliata*.

12 Fornaro 1988: 162 considera mais provável que se trate de uma *clausula mimi*, improvisada pelo próprio Augusto, como complemento irónico da associação da sua vida a um mimo.

13 Vide Kessissoglou 1988: 385-388.

14 Segundo Néraudau 1996: 41-42, o argumento do mimo é a mitificação que Augusto assumiu através de todas aquelas histórias prodigiosas que circulavam sobre a sua pessoa desde a sua concepção.

vida humana é uma representação), pelo que mantém a *mise-en-scène* até ao último momento, como se há muito tivesse preparado este final¹⁵. No entanto, a associação da vida de Augusto a um mimo não implica (também pelo facto de ser assumida pela personagem) reprovação por parte de Suetónio (como acontecerá em outros casos), mas a constatação de que a vida deste homem foi a representação realista, com aspectos bons e maus, mas onde o bem supera o mal, e, por isso, merece aplauso¹⁶. Augusto cumpriu com empenho o papel que a fortuna lhe atribuiu e morre consciente disso. Díon Cássio (56.30.3) colocará neste contexto as palavras de Augusto sobre ter encontrado Roma de barro e a ter deixado de mármore, com a explicação de que se não referia à aparência material dos edifícios, mas à firmeza do império.

Além de Tibério, silenciosamente presente, e dos amigos, não podia faltar Lúvia. Esta mulher faz a ponte entre os dois principados, como acontecerá mais tarde com Agripina, mãe de Nero. Lúvia foi a esposa fiel e um grande apoio do governante Augusto. É nos braços dela que morre, com uma frase simples de despedida entre esposos. O biógrafo Suetónio, ao contrário da tradição dos historiadores também presente em Plutarco, não compõe longos discursos retóricos, mas opta frequentemente por citar expressões ou pequenas frases plenas de significado, que circulariam em recolhas de “belas palavras”.

Trata-se de seguir o modelo da morte de um sábio. O desfecho é de paz, de *euthanasia*, que corresponde ao que Augusto desejara e implica um juízo do biógrafo sobre os méritos do imperador. Há contudo rumores de que a morte não teria sido tão pacífica. É significativo que Suetónio, apesar da propensão para as versões mais escandalosas, não sugira qualquer indício de assassínio, como faz Tácito e Díon Cássio.

15 Vide Néraudau 1996: 8-9.

16 Fornaro 1988: 155-167, defende que a cláusula teatral é metáfora ética que expressa a consciência do dever cumprido e não tem, em Suetónio, o sentido pejorativo de hipócrita “farsa da vida”, que lhe tem sido dada pelos interpretes do biógrafo latino (e por Díon Cássio, 56.30.4), mas equivale a uma representação sem máscara.

Com efeito, o primeiro (*Ann.* 1.5.4) menciona o rumor da responsabilidade de Lúvia na morte de Augusto. E Díon Cássio (56.30.2) sugere que Lúvia lhe teria dado figos envenenados, o que, *mutatis mutandis*, parece um decalque da narrativa sobre a morte de Cláudio¹⁷. Suetônio não se refere a tal suspeita, porque não acredita, ou, como se disse, para não macular a morte de Augusto, que deveria ser modelar.

Há, contudo, um indício de delírio (um apenas, sublinha o biógrafo) que poderia ensombrar a alegada serenidade dos últimos momentos. O biógrafo apressa-se a apresentar uma explicação para a visão daqueles quarenta jovens que levavam Augusto pela força, na tentativa de evitar lançar qualquer sombra esta morte grandiosa. Recorre à experiência dos sinais divinos (*magis praesagium quem mentis deminutio*), tão ao gosto do biógrafo e do público romano, neste caso manifesto numa coincidência, semelhante à que se refere a seguir, de que morreu no mesmo quarto do pai, e de tantas outras referidas nas *Vidas dos Césares*.

De resto, a hipótese apresentada pelo biógrafo, de que se trataria de uma referência ao número dos pretorianos que transportariam o féretro, é pouco consistente¹⁸. Pode ser apenas uma forma de o biógrafo satisfazer o escrúpulo em ser completo, sem estragar a encenação. Além disso, esta breve nota introduz um pouco de mistério na narrativa da morte. No caso dos maus imperadores, a atitude do biógrafo é a oposta. A morte de Augusto tem de ser o merecido prémio da vida. Cria-se, portanto, uma atmosfera de religiosidade, de serenidade e de sabedoria, resultante da consciência do dever cumprido.

Neste sentido, a morte de Augusto, apesar dos pormenores realistas próprios da biografia suetoniana, não é a morte de um homem

17 Vide Martin 1955: 123-128; Questa 1959: 41-55; Martin 1991: 350-352.

18 Para Néraudau 1996: 24-25, trata-se de uma interpretação confusa e incoerente: confusa porque mistura causa e efeito; e incoerente, pois apresenta Augusto terrificado por uma visão da manifestação solene de respeito; e o verbo *abrupi* da visão (recolhido a partir de um grito do enfermo) não se coaduna com *extollere* do funeral. Além disso, Augusto conheceria minuciosamente os pormenores do seu funeral.

real: é essencialmente o fecho de um mimo que obteve êxito¹⁹, com uma mensagem política implícita sobre um ideal de império, e, dado o significado do momento, mais um elemento fundamental da consolidação do mito.

BIBLIOGRAFIA

- Ailloud, H. (1989), *Vie des douze Césars*. Vol. I. Texte établi et traduit. Paris, Les Belles-Lettres.
- Bassols de Climent, M. (1990), *C. Suetonio Tranquilo. Vida de los Doce Césares*. Vol. I. texto revisado y traducido. Barcelona, Alma Mater.
- Benario, H. W. (1975), “Augustus princeps”, *ANRW* II. 2. 75-85.
- Brandão, J. L. (2005), “Suetónio e drama: da tragédia ao mimo”, *Humanitas* 57: 159-193.
- Brandão, J. L. (2009), *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*. Coimbra, CECH/Classica Digitalia.
- Carter, J. M. (1982), *Suetonius. Divus Augustus*, ed. with intr. and comm. London, Bristol Classical Press.
- Fornaro, P. (1988), “Una vita senza maschera, Suet. Aug. xcix, l”, *CCC* 9: 155-167.
- Gascou, J. (1984), *Suétone historien*, Paris, de Boccard.
- Ihm, M. (1908), *C. Suetoni Tranquilli Opera, I: De vita Caesarum: libri VIII*, recensuit —, editio minor, Stuttgart et Lipsiae, Teubner.
- Ihm, M. (1908), *C. Suetoni Tranquilli Opera, I: De vita Caesarum: libri VIII*. Recensuit, editio minor, Stuttgart et Lipsiae, Teubner.
- Kessissoglu, A. I. (1988), “*Mimus vitae*”, *Mnemosyne* 41: 385-388.-
- Martin, R. (1991), *Les douze Césars: du mythe à la réalité*, Paris, Les Belles Lettres. Martin, R. H. (1955), “Tacitus and the death of Augustus”, *CQ* 49 (5, new ser.): 123-128.

19 Sobre a influência da tragédia, da comédia e do mimo em Suetónio, vide Brandão 2005 159-193.

- Monaco, G. (1970), “*Spectatores, plaudite*”, *Studia Florentina A. Ronconi oblata*. Roma, Ateneo: 255-273.
- Neraudau, J. P. (1996), *Auguste. La brique e le marbre*, Paris, Les Belles Lettres.
- Questa, C. (1959), “La morte di Augusto secondo Cassio Dione”, *PP* 14: 41-55.
- Rocca-Serra, G. (1974), “Une formule cultuelle chez Suétone (*Divus Augustus*, 98,2)”, *Mélanges de philosophie, de littérature et d’histoire ancienne offerts à P. Boyancé*. Rome, Palais Farnèse: 671-680.
- Southern, P. (1998), *Augustus*. London / New York, Routledge.